

Excesso de ^{DF - Saúde}pacientes deixa o HRT no caos

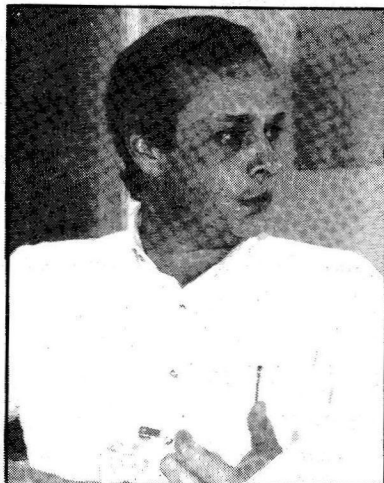
ARTHUR HERDY

O quadro no Hospital Regional de Taguatinga é grave: ontem à tarde, os pacientes formaram longas filas para entrar, marcar consultas ou receber atendimentos. Medicamentos essenciais como antibióticos, ou os anti-sépticos, bolsas coletoras de urina e algodão ortopédico sumiram das prateleiras há muitos dias. Do lado de fora, mais de 200 pessoas se comprimiam na porta do Pronto-Socorro à espera de ajuda. E dentro, a situação era ainda mais caótica, com doentes alojados nos corredores e, alguns, colocados em colchões diretamente sobre o chão. No braço, o soro com visível perigo de contaminação.

“Isso aqui é uma casa de loucos”, desabafou Édson Ferreira. Com a perna fraturada, desde as 21h00 de sábado passado, ele aguardava em uma maca por um exame de sangue para ser operado. Às 16h30 ele se mostrava indignado. “Acho isso um desrespeito. Afinal, pago meus impostos para quê?”, questionou.

Casos semelhantes se espalhavam nos corredores. Na pediatria, mães com os filhos no colo também passavam por uma demorada **viacruis**. “Estou aqui há várias horas. Como não tem nem banco para sentar, o jeito é a gente se arrumar como pode”, disse Sílvia Chagas Bastos, mãe de uma menina de três anos.

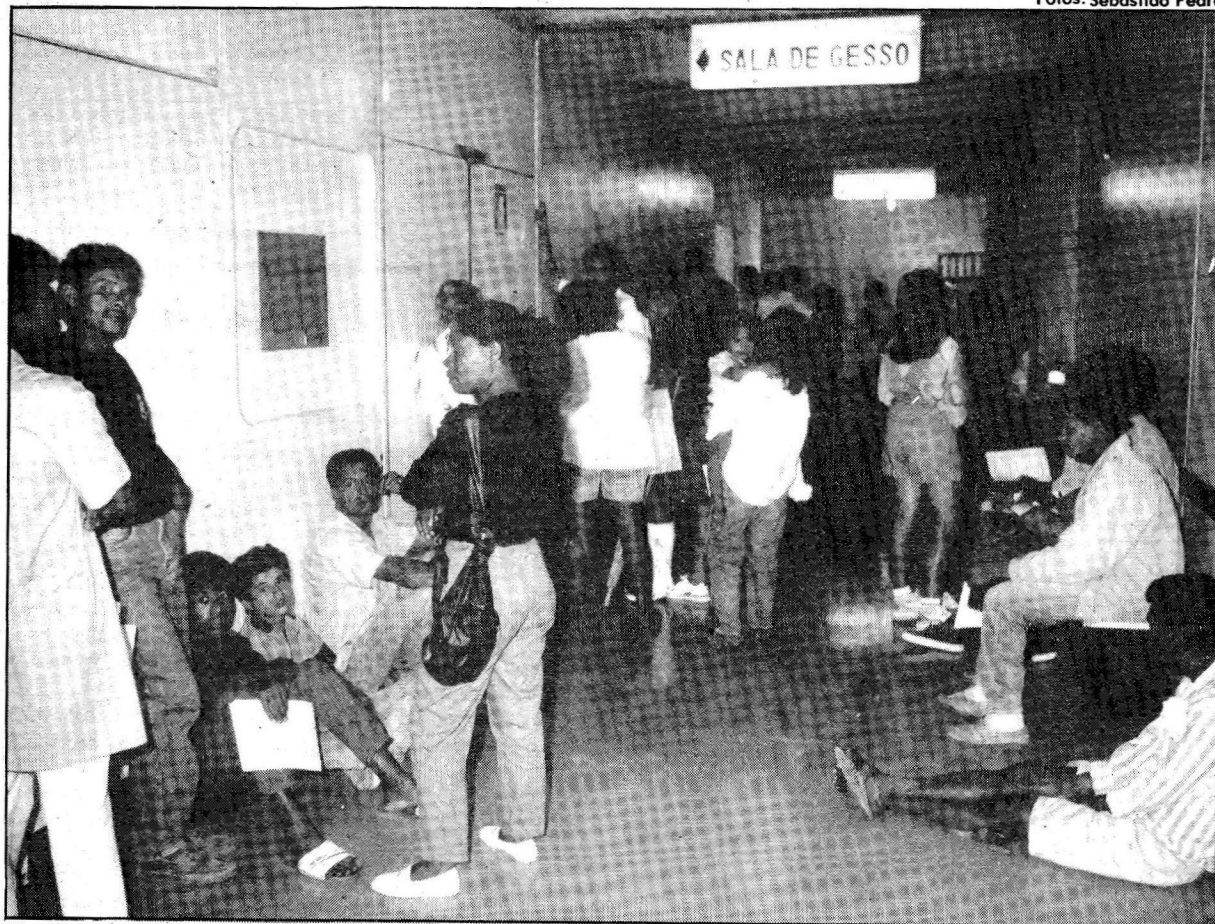
Na porta da ortopedia a confusão e os protestos eram maiores.



Guidoux: só 25% de Taguatinga

Apenas um funcionário atendia a mais de 50 pessoas. Algumas, com dores, reclamavam. Outras, criticavam o Governo. Maria Rezende levou a filha para engessar o joelho e, em pé há várias horas, desabafou: “O sistema de saúde pública em Brasília é uma vergonha. Está falido. É preciso que alguém dê um basta nessa situação”.

Demanda — O diretor do HRT, Carlos Henrique Guidoux, debita à grande demanda os problemas que vêm ocorrendo. Ele explica, que além dos moradores de Taguatinga, o hospital — o segundo de Brasília em número de leitos — atende à população das cidades-satélites de Samambaia, Ceilândia e até da Região do Entorno. Segundo as estatísticas, 40% do atendimento se refere a pessoas de Samambaia, 25% da Ceilândia, 25% de Taguatinga e 10% do Entorno.



Na Ortopedia, apenas um funcionário para atender cerca de 50 pessoas, a maioria reclamando de dores

Guidoux admite que a situação no Pronto-Socorro, para onde se dirige a maior parte das pessoas, está longe da ideal. Mas garante que o quadro não é tão crítico. “Fora o PS, o hospital é de alto nível”, disse, exemplificando com as áreas de ortopedia, obstetrícia de alto risco, cardiologia e cirurgia em geral. Elogia, em seguida, a Unidade de

Terapia Intensiva (UTI), semelhante à de um hospital de grande porte.

Sobre a falta de medicamentos, ele diz que é eventual. “A reposição não é tão ágil como deveria. Realmente não dá para se fazer estoque, como seria o ideal”, explica. “A situação já esteve mais crítica”, afirma Maria Neves, encarre-

gada da farmácia, sobre a falta de remédios. No momento, ela admite que faltam os antibióticos Cefaletrina e Cefalexina, de terceira geração — largamente usados nos pacientes —, Laiser II — para exames laboratoriais —, Macro 88 — anti-séptico —, bolsas coletoras de urina e algodão ortopédico, “que está zerado na farmácia central”.

Fotos: Sebastião Pedra